

GRAMÁTICA FUNCIONAL: DA ORAÇÃO RUMO AO DISCURSO*

Edson Rosa Francisco de Souza¹

Resumo: Este artigo busca apresentar um breve apanhado teórico sobre a Gramática Discursivo-Funcional, começando pelo modelo padrão de Gramática Funcional, desenvolvida por Simon Dik. O objetivo é mostrar a evolução do modelo funcional de Dik para o modelo de Gramática Discursivo Funcional de Hengeveld & Mackenzie (2006, 2008), apresentando-se as definições e as justificativas que embasam a expansão de um modelo funcional focado na oração (Dik, 1989; 1997) para um modelo funcional focado em uma unidade de análise mais ampla (o discurso), na qual as relações entre duas ou mais orações (ou porções de texto maiores) são levadas em consideração.

Palavras-chave: Funcionalismo; Discurso; Gramática Discursivo-Funcional.

Abstract: This paper seeks to present a brief theoretical overview on Functional Discourse Grammar, starting from the standard model of Functional Grammar, developed by Simon Dik. The aim is to show the evolution of Dik's functional model to the Hengeveld & Mackenzie (2006; 2008)'s Functional Discourse Grammar. In this context, we also try to present the definitions and the features that justify the expansion of a functional model that focuses the clause (Dik, 1989; 1997) to a functional model that focuses a wider unit of analysis (the discourse), in which the relationships among two or more clauses (or larger text portions) are taken into consideration.

Keywords: Functionalism; Discourse; Functional Discourse Grammar.

1. Considerações iniciais

Atualmente, o modelo de Gramática Funcional (GF) proposto e divulgado por Simon Dik (1989; 1997) conta com uma nova versão teórica, conhecida como a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), que vem sendo desenvolvida por Hengeveld & Mackenzie (2006; 2008). Na atual versão, a GF de Dik, com foco basicamente na

* Este artigo constitui parte da minha pesquisa de doutorado "Multifuncionalidade e níveis de análise: o papel dos advérbios de tempo, lugar e modo na organização do discurso", que vem sendo desenvolvida no IEL/UNICAMP, sob a orientação da Profa Dra Ingedore Villaça Koch. De 2005 a setembro de 2007, a pesquisa contou com o apoio financeiro da FAPESP (Proc. 04/10894-0), Brasil. Atualmente, a minha pesquisa tem sido desenvolvida na Universiteit van Amsterdam, sob a orientação do Prof Dr Kees Hengeveld, com o apoio financeiro do Programa Alban (Portugal), Programa de bolsas de Alto Nível da União Européia para América Latina (bolsa nº E07D401109BR). Email: edsrosa@yahoo.com.br.

¹ Doutorando em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem – IEL/UNICAMP e membro do Grupo de Pesquisa em Gramática (Discursivo) Funcional do IBILCE/UNESP, coordenado pela Profa Dra Erolilde Goreti Pezatti. Atualmente, com o apoio financeiro da ALBAN-Portugal, o autor está desenvolvendo o seu doutorado sanduíche na UNIVERSITEIT VAN AMSTERDAM – Uva (Holanda).

gramática da oração, ganha mais espaço e parte rumo a um modelo de gramática funcional com foco em uma unidade maior de análise, a saber: o discurso. Com essa mudança, a GDF busca analisar a relevância do discurso nas configurações gramaticais de línguas naturais. Porém, a GDF não constitui um modelo do discurso.

A GDF começou a ser esboçada em 1997 por Kees Hengeveld em um texto intitulado *Cohesion in Functional Grammar*, no qual Hengeveld propõe um modelo discursivo com base nas idéias apresentadas no último capítulo de Dik (1997), dedicado ao discurso e às propriedades pragmáticas e psicológicas que um modelo de base discursiva deve apresentar. Depois de algumas versões da GDF, publicadas em diferentes revistas e livros, Hengeveld & Mackenzie esperam lançar, ainda em 2008, o livro *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*, que traz uma versão mais completa e atualizada do novo modelo da GF.

Por ser um modelo funcional que está preocupado com a estrutura gramatical das línguas e não com o discurso de forma geral, a GDF não pode ser confundida com outros modelos teóricos, que extrapolam os limites do texto (discurso) em prol de questões ideológicas e culturais, uma vez que a noção de discurso empregada na GDF é centrada na gramática e diferente, por exemplo, dos manuais de Análise do Discurso de linha francesa e do modelo de coerência do Discurso, proposto por Schiffrin (1987).

O modelo teórico da GDF ainda é pouco conhecido no Brasil e em outros países da América do Sul, que estão mais familiarizados com a GF padrão de Dik. Com sede basicamente na Universiteit van Amsterdam, a GDF conta também com pesquisadores de outros países, como Portugal, Espanha, França, Inglaterra e Dinamarca. No entanto, embora o novo modelo funcional seja relativamente novo no meio científico, algumas ações² de divulgação da teoria já começaram a aparecer no Brasil, como, por exemplo, a realização de *workshops* ministrados por Kees Hengeveld e Lachlan Mackenzie em universidades brasileiras, a realização do curso de extensão universitária “Introdução ao Funcionalismo Holandês” – ministrado por professores da Unesp de São José do Rio

² No Brasil, várias das ações de divulgação têm sido organizadas pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF), que é sediado na Unesp/São José do Rio Preto e coordenado pela Profa Dra Erotilde Goreti Pezatti, com registro no CNPq. Atualmente, o GPGF constitui um dos principais centros de pesquisa em Gramática Funcional e Gramática Discursivo-Funcional do Brasil. Na fase atual, o GPGF é composto por: Erotilde Goreti Pezatti, Roberto Gomes Camacho, Sebastião Carlos Leite Gonçalves, Marize Mattos Dall’Aglio Hattner, Sandra Denise Gasparini-Bastos, Eli Nazareth Bechara, Flávia Bezerra Hirata Vale, Liliane Santana, Taísa Peres de Oliveira, Maria Sueli Ribeiro, Michel Fontes, Norma Noves, Edson Rosa Francisco de Souza, Eduardo Penhavel, Alessandra Regina Guerra, Talita Storti, Lisângela Aparecida Guiraldelli, Ana Maria Comparini Leite e Joceli Stassi Sé.

Preto e doutorandos de outras instituições – e, por fim, a criação do Estágio básico “Introdução aos estudos da Gramática Discursivo-Funcional”³, na Unesp de São José do Rio Preto, para alunos de graduação interessados em trabalhar com pesquisa em GDF.

De forma comparativa, pode-se dizer que a GDF assume uma perspectiva teórica que muito se aproxima da concepção de linguagem adotada por Traugott (1989) e Traugott & König (1991), em seus estudos sobre gramaticalização, justamente pelo fato de considerarem o discurso como um componente da gramática. Nesse sentido, a GDF⁴ se preocupa apenas com as informações discursivas que são literalmente codificadas na gramática da língua, ou seja, que são relevantes para o processo de codificação morfossintática. Sob essa perspectiva, observa-se, portanto, que a GDF caminha em sentido diferente ao dos modelos de Análise do Discurso (linha francesa), que tendem a priorizar as formações discursivas, o caráter ideológico e a historicidade da língua.

É óbvio que os autores da GDF (Hengeveld & Mackenzie) reconhecem as várias facetas da linguagem, entretanto, preferem focar as estruturas gramaticais das línguas, com base numa abordagem tipológica. Essa preocupação, já apresentada pelo próprio Simon Dik no capítulo 18 do segundo volume da Teoria de Gramática Funcional (1997), ganhou mais força principalmente após a publicação de estudos que mostravam a limitação do modelo padrão da GF (com ênfase na gramática da oração) para analisar, por exemplo, fenômenos lingüísticos que ocorrem entre duas ou mais orações. Até o momento, a GDF tem se mostrado eficiente na análise de fenômenos lingüísticos situados nos níveis representacional (semântico) e interpessoal (pragmático) da linguagem⁵. O mérito talvez fique por conta do modo como a GDF⁶ é organizada em

³ O objetivo desse estágio, que é coordenado por professores do GPGF, é oferecer aos alunos de Iniciação Científica um embasamento teórico adequado em G(F)D para realização de pesquisas na área.

⁴ Em Gasparini-Bastos (2004), Penhavel (2005) e Souza (2007), a tradução de *Functional Discourse Grammar* adotada inicialmente para o português foi “Gramática Funcional do Discurso”, no entanto, em razão de algumas discussões dos próprios mentores da teoria em congressos dentro e fora do Brasil, chegou-se à conclusão de que a melhor tradução, até mesmo por conta da natureza das proposições do modelo teórico, seria “Gramática Discursivo-Funcional”, uma vez que o que se analisa de fato é a gramática da língua que sofre influência do discurso, e não o discurso como um todo.

⁵ Conferir Velasco, Daniel & Rijkhoff, Jan (Orgs). *The Noun Phrase in Functional Discourse Grammar*. In: Trends in Linguistics. Berlin: Mouton De Gruyter, 2008. Ver também Hattner, Marize & Hengeveld, Kees (Orgs). *Advances in Functional Discourse Grammar*. In: Alfa – Revista de Lingüística 51.2, 2007.

⁶ Na GDF de Hengeveld & Mackenzie, a representação subjacente de um enunciado deve conter quatro níveis de organização: o nível interpessoal (pragmático), o representacional (semântico), o estrutural (morfossintático) e o fonológico (expressão). Todos eles são de natureza puramente lingüística. Assim, o nível interpessoal representa uma unidade lingüística em termos de sua função comunicativa e o nível representacional, em termos de seu estatuto ontológico.

níveis (quais sejam: interpessoal, representacional, morfossintático e expressão), com diferentes camadas dentro de cada um desses níveis de organização da língua.

Como se pode observar, o objetivo desse artigo é apresentar apenas uma discussão teórica da GF com relação as suas mudanças e deficiências, com foco na nova versão teórica do modelo funcional, a GDF. Para tanto, o artigo encontra-se estruturado em cinco partes. A primeira seção traz uma breve introdução do assunto; a seção 2 apresenta as semelhanças e distinções entre a GF e a GDF; a seção 3, por sua vez, traz um resumo das principais justificativas para a elaboração da GDF; já a seção 4 apresenta alguns modelos que servirão de base para a construção do atual modelo da GF; a seção 5 traz um esboço geral da GDF na atual fase de desenvolvimento. Por fim, a última seção encerra-se com as considerações finais.

2. Semelhanças e distinções entre a GF e a GDF

Conforme já foi mencionado, a GF padrão de Dik (1989; 1997) é definida como um modelo de descrição da oração. Assim, para a GF, as estruturas subjacentes da oração são construídas gradualmente, começando pelas unidades menores (termos e estado-de-coisas) até chegar às unidades maiores, como a proposição (fato possível) e oração (ato de fala), característica que nos permite definir a GF de Simon Dik como um modelo *bottom-up* (ascendente). O *quadro 1* resume a estrutura da oração em camadas⁷ de Dik (1989), com seus diferentes níveis de organização e suas respectivas variáveis:

Unidade estrutural	Tipo de entidade	Ordem	Variável
Oração	ato de fala	4	E_i, E_j
Proposição	fato possível	3	X_i, X_j
Predicação	estado de coisas	2	e_i, e_j
Predicado	propriedade/relação	1	x_i, x_j
Termo	Entidade	0	f_i, f_j

Quadro 1. *Estrutura hierárquica da oração conforme Dik (1989)*

⁷ Quanto à estrutura hierárquica da oração, cada entidade tem seus próprios tipos de operadores, meios não-lexicais, para especificar informação adicional sobre o tipo de entidade envolvida.

O caráter “hierárquico” da GF de Dik (1989; 1997) é decorrente do fato de as estruturas subjacentes da oração serem organizadas semanticamente em camadas, por meio de operadores e satélites (cf. Dik, 1989; Dik *et alii*, 1990). No quadro anterior, vê-se que o nível mais baixo é formado pelo predicado e seus argumentos (geralmente entidades de primeira ordem, simbolizadas pela variável x). Essa predicação nuclear, opcionalmente expandida por satélites – ou modificadores nos termos da GDF – de predicado (σ_1), constitui a ‘predicação central’, que designa um estado-de-coisas (EsCo) potencial. A predicação central, por sua vez, pode ser expandida por satélites de predicação (σ_2), e, assim, formar a predicação estendida (representada pela variável e), uma entidade de segunda ordem referente a um EsCo situado no espaço e no tempo.

Essa estrutura constitui o *input* para a formação da proposição (variável X), isto é, uma entidade de terceira ordem, que pode ser avaliada em termos de seu valor de verdade e que, opcionalmente, pode ser expandida por satélites de nível 3 (σ_3), como os atitudinais e os que especificam o valor de verdade. Por fim, se um falante produz uma expressão, ele tem de selecionar uma força ilocucionária básica para essa proposição, formando assim uma entidade de ‘quarta ordem’, conhecida como oração, representada no quadro pela variável E . Por conseqüência, o que se tem é um ato de fala.

Como se vê, diferentemente da GDF, em que a unidade básica de análise é o “ato discursivo”, na Gramática Funcional padrão de Simon Dik a unidade maior de análise é a oração. Essa mudança englobou vários fenômenos lingüísticos que outrora não eram contemplados pela teoria da GF, justamente pelo escopo ser a oração.

As expressões lingüísticas, na GF, são analisadas com base nas informações contextual e informacional, ou melhor, com base em seu contexto de uso. No entanto, como sua unidade de análise se limita à oração, muitos dos fenômenos lingüísticos que se denominam *extra* e *intra-oracionais* (Tema e Antitema, Tópico e Foco, respectivamente) não são devidamente explicados, sobretudo porque as relações que se estabelecem entre duas ou mais orações não são levadas em consideração no referido modelo *standard* da GF. Nesse caso, se um fenômeno lingüístico é relevante e, de algum modo, é codificado na gramática de uma dada língua, esse modelo teórico tem que ser capaz de descrever essa língua e o fenômeno em questão. É por essa razão que muitos dos estudos subseqüentes à GF passaram, então, a se preocupar com essas questões teóricas, em especial com a necessidade de sua expansão para o discurso.

3. Justificativas para uma Gramática Discursivo-Funcional

A necessidade de expandir o modelo de interação verbal para o discurso já era uma preocupação do próprio Simon Dik nos últimos capítulos do segundo volume de *The Theory of Functional Grammar*, de 1997, em especial no capítulo 18, em que trata das deficiências e dos elementos necessários para uma Gramática Discursivo-Funcional. Nesse capítulo, Dik destaca que os usuários de línguas naturais não falam usando sentenças isoladas, mas as combinam em seqüências mais longas e mais complexas, constituindo o que o autor chama de *discurso* (Dik, 1997; Gasparini-Bastos, 2004).

Em geral, a GF busca descrever línguas naturais de uma maneira pragmática e psicologicamente adequada. Segundo Dik (1997), devemos entender por adequação pragmática a maneira pela qual a descrição lingüística explica o fato de as línguas serem usadas com propósitos comunicativos na interação verbal. Já a adequação psicológica deve ser entendida por explicar o quanto a descrição lingüística é compatível com o que se sabe sobre os processos mentais (situados no componente conceitual) que são envolvidos na interpretação e na produção das expressões lingüísticas.

Além de Simon Dik, as deficiências da GF foram também observadas por outros especialistas da área, entre eles Rijkhoff (1995), Hengeveld (1997), Kroon (1997) e Bolkestein (1998). Para os autores, o fato de a GF apresentar em sua base teórica uma preocupação com a adequação pragmática e a adequação psicológica faz com que esse modelo gramatical tenha condições de explicar também o funcionamento do discurso, numa orientação *top-down/descendente* (partindo das intenções comunicativas). Em outras palavras, um modelo como esse deverá ilustrar “como sentenças podem ser combinadas em seqüências coerentes de fala, de conversação, ou de texto escrito” (Dik, 1997, p. 410). Como afirma Kroon (1997), a necessidade de um modelo de GF orientado para o discurso emerge da existência de um considerável número de fenômenos lingüísticos, como, por exemplo, os marcadores discursivos, que não podem ser adequadamente analisados em um modelo que se limite à sentença gramatical.

Em seu estudo sobre as funções pragmáticas Tópico e Foco, Bolkestein (1998) chama a atenção dos lingüistas para algumas questões teóricas que, para ela, ainda requerem uma maior explicitação, principalmente para as questões que dizem respeito à

atribuição de função pragmática na GF (Dik, 1989; 1997) e ao nível interpessoal⁸ da estrutura subjacente (Dik, 1989; 1997; Hengeveld, 1990). Em outros termos, nesse trabalho, Bolkestein objetiva mostrar que as funções pragmáticas Tópico e Foco, tais como apresentadas no modelo funcional de Dik (1989), não são claramente distinguidas uma da outra, além, de mostrar e concordar com a necessidade de expansão do modelo de interação verbal de Dik – lugar onde se situa boa parte das discussões em torno das funções Tópico e Foco – para um modelo de gramática mais abrangente, que tenha condições de captar relações que se estabelecem entre duas ou mais orações.

Para Bolkestein, tal expansão justifica-se em função da necessidade que se tem de analisar um variado conjunto de expressões lingüísticas a partir da interação de três componentes – o contextual, o situacional e o interacional – que, para Hengeveld, Bolkestein e Rijkhoff, não podem ser considerados isoladamente. Segundo os autores, a opção por um modelo integrado privilegia outros fatores discursivos importantes.

Além da existência de elementos que ultrapassam os limites da sentença – como os marcadores discursivos e as construções de *tail-head*, há também unidades menores, como as *holófrases*, analisadas por Mackenzie (1998), e as *interjeições*, que foram analisadas por Hengeveld (2004a). As *holófrases*, a título de esclarecimento, são expressões lingüísticas com estrutura oracional incompleta, mas consideradas completas dentro da situação em que ocorrem, na medida em que cumprem seu papel na comunicação. A presença de unidades menores que a oração (como *Parabéns!* e *Oi João!*) é, segundo Hengeveld, mais uma outra evidência que comprova a relevância de uma gramática orientada para o discurso, uma vez que essas expressões podem funcionar como enunciados completos e independentes no interior do discurso.

De acordo com Mackenzie (1998), os enunciados abaixo constituem alguns dos casos de *holófrases* que se observam na conversação entre adultos, a saber:

- a) expressões fixas: *Obrigado, Como vai?*;
- b) respostas: *Sim, Não*;
- c) expressões avaliativas: *Muito divertido, Que agradável, Que interessante*;
- d) constituintes extra-oracionais: tema e antitema.

⁸ Correspondem às camadas da *proposição* e da *oração* da GF de Dik (1989; 1997).

Mackenzie (1998) refuta a idéia de se considerarem enunciados formados por *holófrases* como elípticos ou incompletos, ou ainda como realizações fragmentadas de uma estrutura subjacente complexa. Conforme afirma o autor, o reconhecimento dessas estruturas como completas na situação de interação está de acordo com os princípios da GF, especialmente pelo fato de o falante utilizar uma expressão lingüística sempre com algum conjunto “suficiente” de informações para uma interpretação satisfatória.

Mesmo reconhecendo a necessidade de um modelo mais abrangente, Dik (1997, Gasparini-Bastos, 2004) admite que sua elaboração representa um propósito muito acima das pretensões de uma teoria gramatical, e tudo o que sugere não passa de um esboço de alguns elementos que são essenciais em uma gramática discursiva. As primeiras propostas de um modelo de gramática do discurso (Dik, 1997; Kroon, 1997; Hengeveld, 1997; 2004b) terminam sempre com o reconhecimento de que muitos aspectos teóricos relativos a esse modelo precisavam ainda ser esclarecidos.

Apesar de não ter definido claramente um modelo de GF calcado no discurso, Dik (1997) descreve os vários elementos que foram considerados na elaboração do modelo atual. Para a eficácia desse modelo, Dik julgava necessário distinguir os seguintes tipos de conhecimentos contidos na informação pragmática:

- a) Conhecimento prévio (conhecimento que falante e ouvinte possuem antes de um evento comunicativo), que pode ser *lingüístico* (conhecimento da língua) ou *não-lingüístico* (conhecimento do mundo e outros mundos possíveis)⁹;
- b) Conhecimento imediato (conhecimento derivado da situação discursiva em que ocorre o evento). Tal conhecimento pode ser *Situacional* (conhecimento derivado do que pode ser percebido e inferido da situação comunicativa, incluindo a centração dêitica) ou *textual* (conhecimento oriundo da informação transmitida durante o evento comunicativo)¹⁰.

⁹ O conhecimento Lingüístico se subdivide em: **a) Lexical**: conhecimento dos predicados lexicais da língua, suas propriedades semânticas e morfossintáticas, e suas inter-relações; **b) Gramatical**: conhecimento das regras e princípios que definem as estruturas gramaticais da língua, e das regras e princípios pelos quais essas estruturas subjacentes podem ser expressas nas expressões lingüísticas; **c) Pragmático**: conhecimento das regras e princípios que administram o uso correto de expressões lingüísticas na interação verbal. Já o conhecimento Não-lingüístico se subdivide em: a) **Referencial**: conhecimento sobre entidades como pessoas, coisas e lugares; **b) Episódico**: conhecimento sobre estado-de-coisas (ações, processos, posições, estados) nos quais as entidades estiveram, estão ou estarão envolvidas; **c) Geral**: conhecimento sobre regras gerais e princípios que governam o mundo e outros mundos possíveis.

¹⁰ O conhecimento Textual se subdivide em: **a) Referencial**: conhecimento sobre entidades, na forma mencionada no texto “entidades discursivas ou tópicos”; **b) Episódico**: conhecimento sobre estados de coisas nos quais as entidades estão envolvidas, na forma descrita no texto; e, por fim, **c) Geral**: conhecimento sobre regras gerais e princípios, na forma mencionada no texto.

Esses tipos de conhecimentos, que assumem um papel crucial na produção e na interpretação do discurso, podem interagir, determinando a interpretação adequada de um discurso, ou a formulação correta do que o Falante vai dizer.

Ainda de acordo com Dik (1997), um discurso é um fenômeno dinâmico que se desenvolve no tempo, permitindo a atualização continuada da informação pragmática do falante e do ouvinte. Tanto o falante quanto o ouvinte recuperam certas partes de seu conhecimento prévio na produção e interpretação do novo discurso e elaboram um modelo mental imediato (Modelo de Discurso) que é transmitido no próprio discurso. Para Dik, o modelo discursivo elaborado pelo falante/ouvinte é parcial e dinâmico: parcial no sentido de que nunca contém tudo que há para saber sobre todos os mundos possíveis; dinâmico no sentido de que é continuamente atualizado na medida em que o discurso prossegue. Devido a essas características, partes posteriores do discurso podem depender de informações contextuais que foram fornecidas no contexto anterior.

Segundo Dik (1997), no processo de construção de um discurso, o falante toma muitas decisões que não afetam apenas a oração seguinte isolada, mas séries inteiras de orações. Tais decisões podem tomar por escopo o discurso inteiro ou parte dele. Um exemplo de decisões discursivas que afetam o discurso como um todo ou parte dele são os cenários, que permanecem válidos até que novas informações o alterem. Os cenários fazem parte de uma decisão discursiva global, sendo relevantes para o discurso como um todo (ou suas subpartes), e não apenas para ordenação de orações.

4. Rumo à Gramática Discursivo-Funcional: modelos de base

Depois de elencadas as necessidades de um modelo de gramática mais amplo, os mentores da teoria, entre eles Kees Hengeveld e Lachlan Mackenzie, começaram, então, a testar e a desenvolver um modelo de gramática voltado para o discurso. Ao longo desse período, os autores receberam contribuições bastante preciosas que, certamente, foram incorporadas no atual modelo da GDF, como veremos a seguir.

Na tentativa de elaborar um modelo mais amplo, que envolvesse também o discurso como parte da gramática, Hengeveld (1997) propôs o acréscimo de um terceiro nível (denominado nível retórico) aos níveis representacional (semântico) e interpessoal

(pragmático)¹¹ já existentes na GF. Para o autor, a organização interna do nível retórico seria idêntica à organização existente nos outros níveis da gramática. A estrutura hierárquica do discurso, como apresentada pelo autor, é representada como segue:

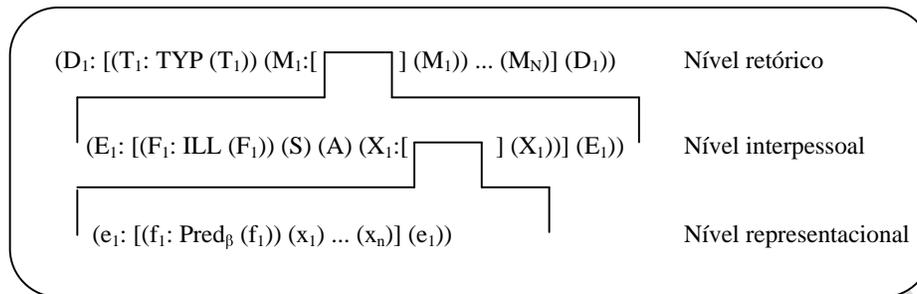


Figura 1. A representação dos níveis do discurso (Hengeveld, 1997)

Nesse modelo, diferentemente do que se observa na GDF, Hengeveld propõe a criação do Nível retórico. Aqui, o nível representacional (e) é estruturado com base em um esquema de predicado (f) que determina as relações entre argumentos (x); o nível interpessoal (E) é estruturado com base em um esquema ilocucionário (F) que determina a relação entre os participantes em um ato de fala (falante-S e ouvinte-A) e o seu conteúdo (X); o nível retórico (D) é estruturado com base em um esquema discursivo (T) que determina a relação entre moves (M). No entanto, veremos a seguir, que a opção acatada por Hengeveld & Mackenzie foi a de incluir o retórico no nível interpessoal.

¹¹ No domínio do discurso, o nível *interpessoal* compreende os componentes interacional e atitudinal, e o nível *representacional* compreende os componentes organizacional e de conteúdo. Com base nesses níveis, segundo Dik (1997), é possível distinguir diferentes estratégias usadas pelo falante para criar um discurso. Para o autor, as **estratégias interpessoais** englobam estratégias de controle interacional e de especificação de atitude. As estratégias de **controle interacional** servem para criar condições interacionais que devem ser cumpridas para que um evento discursivo seja realizado. As estratégias de **especificação de atitude** dizem respeito ao registro emocional/atitudinal a que o discurso deve obedecer. Já as **estratégias representacionais** incluem estratégias de **organização do discurso**, que servem para estabelecer a organização e a apresentação do conteúdo do discurso, e estratégias de **realização do discurso**, que servem para expressar o conteúdo real do discurso. O quadro abaixo, de Gasparini-Bastos (2004), mostra a relação entre níveis e estratégias discursivas:

NÍVEL	COMPONENTES	ESTRATÉGIA DISCURSIVA	ELEMENTOS DE REALIZAÇÃO
Interpessoal	Interacional	Controle interacional	Saudações, despedidas, vocativos
	Atitudinal	Especificação de atitude	Interjeições
Representacional	Organizacional	Organização do discurso	Marcadores de fronteira (<i>bem, olha, agora...</i>) e de orientação (tema e antitema)
	De conteúdo	Realização do discurso	Respostas (<i>sim, não...</i>), partículas <i>tag</i>

É possível resumir o modelo proposto por Hengeveld esboçando um *continuum* de unidades sucessivamente maiores, como mostra o esquema de Kroon (1997, p. 27):

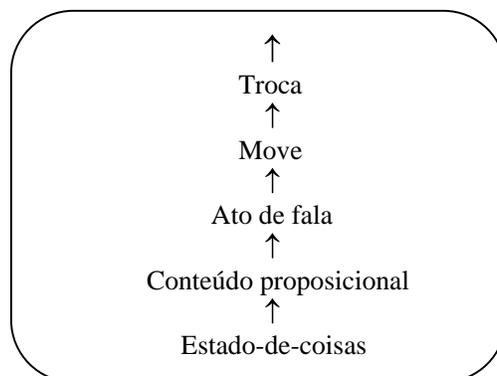
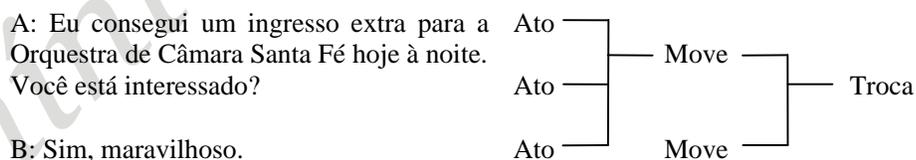


Figura 2. O modelo da abordagem hierárquica (Kroon, 1997)

No nível acima do ato de fala da já conhecida estrutura em camadas da oração está o **move**, definido como a menor unidade livre de discurso que é capaz de entrar em uma estrutura de **troca**¹² (ver Hengeveld & Mackenzie, 2006). Um move é composto por atos, que podem ser definidos como as menores unidades identificáveis de comportamento comunicativo (Kroon, 1997). Frequentemente, um move consiste de um ato discursivo central (o mais importante quanto às intenções do falante, Gasparini-Bastos (2004)) e um ou mais atos subsidiários. Uma troca, por sua vez, consiste de no mínimo um move inicial do falante A e um move de reação do falante B.

O exemplo a seguir, de Kroon (1997), ilustra o tipo de análise estrutural hierárquica de uma extensão maior do discurso em suas unidades comunicativas:



No exemplo de Kroon, o move de A é composto de um ato discursivo central (*Você está interessado*) e um ato discursivo subsidiário (*Eu consegui um ingresso extra para a Orquestra de Câmara Santa Fé hoje à noite*). O move de reação de B pode ser

¹² Os termos *move* e *troca* (*exchange*) foram usados pela primeira vez por Sinclair & Coulthard (1975).

formado tanto por um único ato central (como um único *Sim*) quanto por move constituído por um ato central e um subsidiário expressivo (como *Sim, maravilhoso*).

Com relação ao modelo de acréscimo de camadas de Hengeveld, Kroon (1997) assinala que a não coincidência entre o ato de fala (que pertence ao nível da sentença) e o ato discursivo (que pertence ao nível discursivo) pode inviabilizar o modelo de estruturação em camadas para o discurso, partindo do ato de fala. Para isso, Kroon (1997, p. 30) sugere uma abordagem modular¹³, na qual a estrutura do discurso e a estrutura da sentença são tratadas como separadas, mas fortemente inter-relacionadas, conforme ilustramos a seguir, mediante o esquema apresentado pela autora:

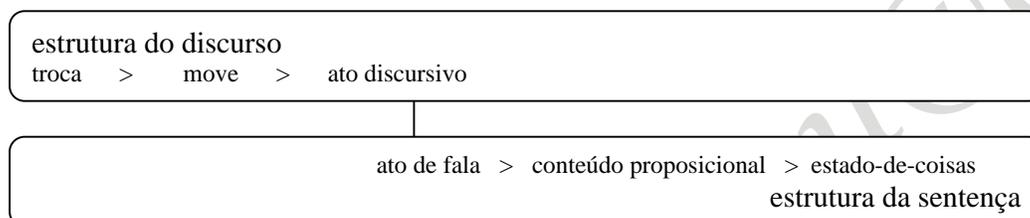


Figura 3. O modelo da abordagem modular (Kroon, 1997)

O desafio da GDF, segundo Kroon (1997), seria “descrever, tão precisamente quanto possível, a divisão de trabalho entre ambos os módulos e dar uma avaliação detalhada e adequada da natureza da conexão entre ambos os tipos de estrutura” (p.30).

Conforme Gasparini-Bastos (2004), entre os autores que contribuíram para o modelo da abordagem modular, estão Vet (1998), que propõe a existência de um módulo gramatical (o qual compreende o esquema proposto por Dik e Hengeveld para a estrutura da sentença) e um módulo pragmático. Uma outra contribuição veio de Berg (1998), que, em GF Pragmática, propõe a existência de três módulos que interagem: módulo pragmático, módulo da mensagem e módulo gramatical. O módulo da mensagem compreende a própria mensagem, que é o conteúdo do movimento discursivo realizado pelo falante. O módulo da gramática traduz a instrução que recebe do componente do movimento em uma busca de esquema de predicado e passa o esquema de predicado selecionado para seu componente gramatical. Por fim, segundo

¹³ Para Kroon (1997), no modelo de acréscimo de camadas apresenta alguns problemas pelo fato de não haver equivalência total entre as duas unidades, uma vez que um ato de fala pode exercer o papel de um ato de discurso, mas um ato de discurso não tem necessariamente a forma de um ato de fala.

Berg, o módulo pragmático constrói a realidade social e desenvolve todas as outras atividades que são relevantes para a interação humana (ver Gasparini-Bastos, 2004).

Reformulando suas concepções de 1997 em função dos modelos apresentados por outros pesquisadores, Hengeveld considera, portanto, que um modelo adequado para esse tipo de gramática requer a integração das duas abordagens já discutidas anteriormente: a hierárquica, com acréscimo de camadas, e a modular de Kroon.

Assim, o novo modelo proposto por Hengeveld (2005) é descrito como um processo *top down* (descendente), que parte da intenção do falante (do componente conceitual) para a expressão das formas lingüísticas. Essa análise sugere, segundo o autor, que o falante primeiro decide qual vai ser seu propósito comunicativo (sua intenção) para depois selecionar e codificar essa informação gramaticalmente.

5. A Gramática Discursivo-Funcional

Usando as palavras de Hengeveld & Mackenzie (2005), pode-se definir a Gramática Discursivo-Funcional como sendo uma nova versão da Gramática Funcional *Standard*, desenvolvida especialmente pelo lingüista Simon Dik (Holanda, Amsterdam). Segundo os autores, a GDF é caracterizada pelos seguintes aspectos:

- 1) a GDF busca modelar a competência gramatical de usuários das línguas;
- 2) a GDF assume o ato discursivo, não a oração, como unidade básica de análise;
- 3) a GDF interage sistematicamente com os componentes conceitual, contextual e de expressão, não contemplados na GF;
- 4) a organização hierárquica da GDF é descendente, enquanto a da GF é ascendente. São as intenções do falante que motivam a produção lingüística;
- 5) a GDF inclui as representações morfossintáticas e fonológicas como parte de sua estrutura subjacente.

Como o próprio nome sugere, a principal diferença entre a GF e o modelo atual de gramática é que a GDF avança em direção a uma unidade maior de análise, em que o discurso passa a ser uma unidade de análise lingüística maior que a oração, dando assim

suporte às expressões lingüísticas de níveis mais baixos. Ainda que já tenha sido mencionado, vale dizer que a GDF inicia-se com a codificação da intenção do falante, caminhando em direção aos níveis mais baixos. Já a GF inicia-se com a seleção de itens lexicais para, em seguida, expandir gradualmente a estrutura subjacente da oração.

Essa mudança é, conforme Hengeveld & Mackenzie (2005), motivada pelo postulado de que a eficiência de um modelo de gramática é tanto maior quanto mais se aproximar do processamento cognitivo. Isso porque, segundo os autores, estudos psicolingüísticos demonstram claramente que a produção lingüística é um processo descendente, que se inicia com as intenções comunicativas do falante e termina com a articulação/realização da expressão lingüística real (componente de expressão).

5.1. Níveis de representação

Hengeveld (2004) postula uma gramática organizada em três níveis, conforme se pode ver na figura 4: o nível Interpessoal, o Representacional e o Estrutural, cada qual concebido como um módulo separado e internamente organizado em camadas (Camacho, 2006). Outro avanço importante na GDF é o reconhecimento de um componente comunicativo e um componente cognitivo, que contêm elementos essenciais do contexto que interage com os demais módulos. O componente gramatical é conectado ao componente conceitual, ao contextual e aos componentes de expressão.

Na GDF, faz-se uma rígida separação entre dois tipos de operação: FORMULAÇÃO por um lado, e CODIFICAÇÃO por outro (Hengeveld & Mackenzie, 2006), uma vez que este modelo busca desenvolver um arcabouço teórico que venha possibilitar uma descrição sistemática de um maior número possível de línguas humanas. O processo de formulação, na GDF, está relacionado à especificação das configurações pragmáticas (interpessoal) e semânticas (representacional) de uma língua, independentemente da expressão de tais configurações. Nesse sentido, o processo de codificação está preocupado com as formas morfossintáticas e fonológicas que essas configurações pragmáticas e semânticas podem acarretar numa língua.

5.2. Esboço geral da GDF

A arquitetura geral da GDF pode ser representada como na Figura 4, na qual o componente gramatical é apresentado no centro, o componente conceitual ao topo, o componente de expressão abaixo, e o componente contextual à direita.

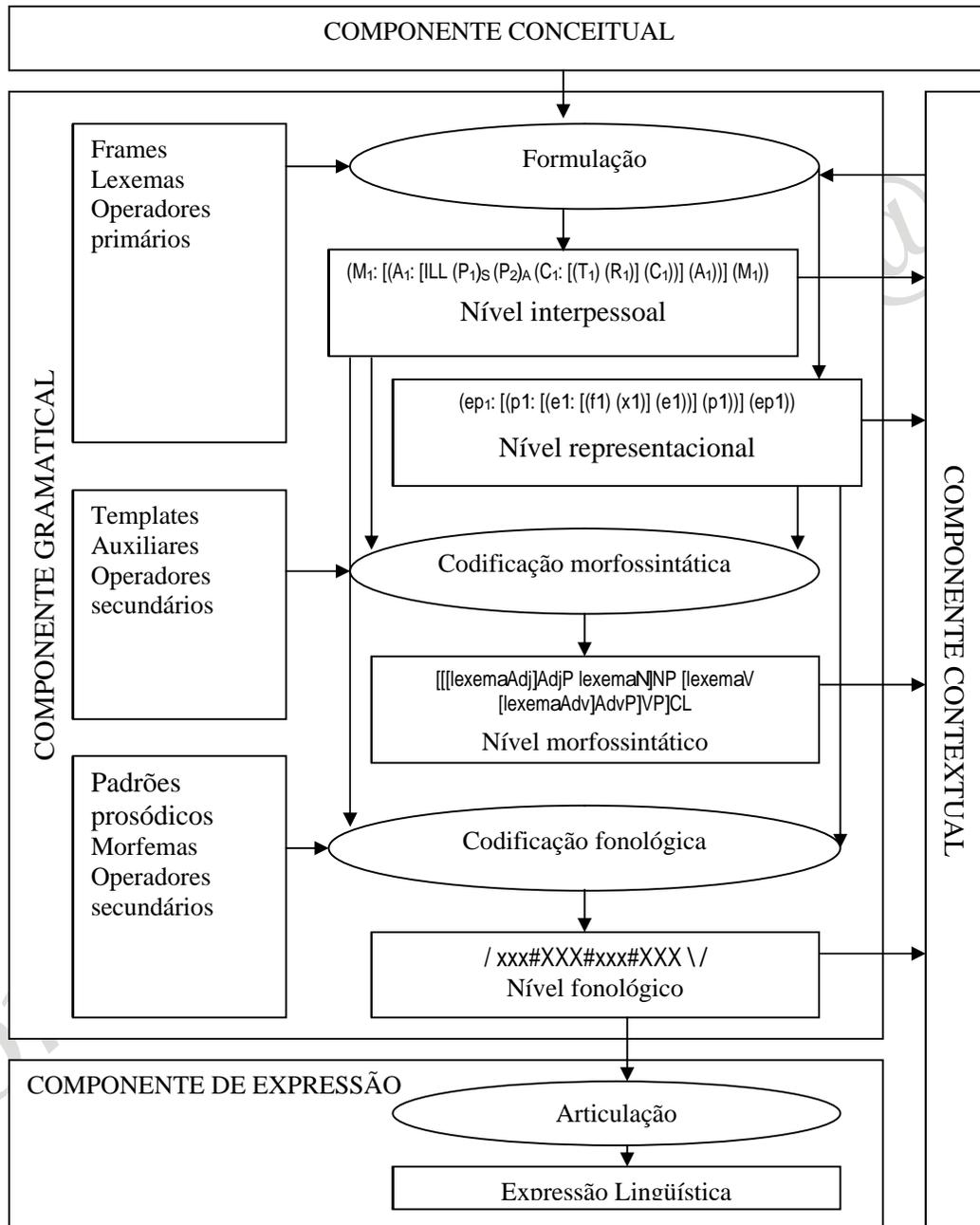


Figura 4. Plano geral da GDF (Hengeveld, 2004; Hengeveld & Mackenzie, 2008)

Uma grande mudança instaurada pela GDF é, com certeza, a inserção do *componente conceitual* (de caráter cognitivo) em seu modelo de gramática. Segundo Hengeveld & Mackenzie (2005), o *componente conceitual* não faz parte da gramática, mas é a força motriz que está por trás do componente gramatical. De fato, um modo de interpretar a operação de *formulação* é o de que ela representa a conversão de uma representação conceitual¹⁴ pré-lingüística em representações semânticas e pragmáticas lingüisticamente relevantes que são licenciadas pela gramática da língua considerada.

Dependendo da modalidade escolhida (fala ou escrita), o *componente de expressão* gera expressões ortográficas ou acústicas, via operação de *articulação*. É um componente externo ao componente gramatical, mas completamente dependente da informação fornecida por ele. Na modalidade acústica, a operação de articulação toma como *input* uma representação fonológica (segmental e suprasegmental) e a converte num sinal acústico, ao aplicar as regras fonológicas necessárias.

Já o *componente contextual* contém, segundo Hengeveld, uma descrição do domínio do discurso tal como construído durante o discurso corrente. Ele não contém apenas uma descrição do conteúdo e da forma do discurso precedente, mas também do contexto real perceptível em que ocorre o evento de fala. É o componente contextual que motiva e permite analisar a ocorrência de enunciados como: *Eu encontrei a Maria no cinema ontem. Ela estava muito bonita, mas nem olhou para mim.* Assim, com a inserção desse componente contextual à gramática da língua, o atual modelo agora é capaz de oferecer descrições mais sistematizadas de fenômenos como cadeias anafóricas (incluindo todos os tipos de anáforas), progressão textual, cadeias tópicas, etc.

5.2.1. O Nível Interpessoal

O nível interpessoal lida com todos os aspectos formais de uma unidade lingüística que reflete seu papel na interação entre falante e ouvinte¹⁵. De acordo com a

¹⁴ Conforme Hengeveld (2004), o componente conceitual é responsável pelo desenvolvimento tanto de uma intenção comunicativa relevante para o evento de fala corrente, quanto pelas conceitualizações associadas em relação aos eventos relevantes no mundo real externo ou imaginário.

¹⁵ Na GDF, a hierarquia representa crucialmente o curso temporal das ações que são essenciais à realização da estratégia do falante. O seqüenciamento de ações lingüísticas em todas as camadas da hierarquia reflete, portanto, a ordem das atividades estratégicas colocadas em prática pelo falante.

arquitetura geral da GDF, as unidades discursivas relevantes neste nível são hierarquicamente organizadas¹⁶. Elas podem ser representadas como na figura abaixo:

(ΠM_1 : [Move
(ΠA_1 : [Ato
(ΠF_1 : ILL (F ₁): S (F ₁)) _F	Ilocução básica
(ΠP_1 : ... (P ₁): S (P ₁)) _F	Falante
(ΠP_2 : ... (P ₂): S (P ₂)) _F	Ouvinte
(ΠC_1 : [Conteúdo Comunicado
(ΠT_1 [...] (T ₁): S (T ₁)) _F	Subato de Atribuição
(ΠR_1 [...] (R ₁): S (R ₁)) _F	Subato de Referência
] (C ₁): S (C ₁)) _F	Conteúdo Comunicado
] (A ₁): S (A ₁)) _F	Ato
] (M ₁): S (M ₁)) _F	Move

Figura 5. O Nível Interpessoal

De acordo com Hengeveld & Mackenzie (2005), o nível mais alto na hierarquia, o *Move* (M), descreve o segmento inteiro de discurso que é considerado relevante. Um *Move*, por sua vez, é constituído de um ou mais atos¹⁷ temporalmente ordenados que, juntos, formam o núcleo (simples ou complexo). Cada *ato discursivo* (A) se organiza com base num esquema *ilocucionário* (ILL), que contém dois *participantes* (P), o Falante e o Ouvinte (S, A) e o conteúdo comunicado como seus argumentos. O conteúdo comunicado contém um número variável de subatos atributivos (A) e

¹⁶ Na GDF, a *Retórica* está fundamentalmente relacionada aos modos pelos quais os componentes de um discurso são ordenados para a realização da estratégia comunicativa do falante, e também às propriedades formais de enunciados que influenciam o ouvinte a aceitar os propósitos do falante. A *Pragmática*, por sua vez, é entendida aqui como o estudo do modo como os falantes modelam as suas mensagens em relação às expectativas que têm do estado atual da mente do ouvinte (informação saliente, que poderá ser tomada como ponto de partida do ouvinte: são as funções pragmáticas). As unidades para as quais essas funções são atribuídas formam juntas uma estrutura hierárquica dentro do nível interpessoal.

¹⁷ O *Move* é o veículo usado na expressão da intenção comunicativa do falante, que pode ser: um convite, uma informação, um interrogatório, uma ameaça, um alerta, uma recomendação e assim por diante. Na GDF, o ato discursivo é usado como unidade básica de análise. Com essa decisão, Hengeveld & Mackenzie conseguiram resolver vários problemas instaurados na GF de Dik, como a divisão da sentença em constituintes oracionais e extra-oracionais. Em linhas gerais, o *Move* pode apresentar um Ato (como em: *Eu comi um bolo*), ou então, dois ou mais atos discursivos, que podem ser dependentes ou independentes. Os exemplos (a) e (b) constituem casos de *Move* com dois Atos, nos quais um deles é subordinado a um outro Ato, que é o Ato Nuclear do *Move*.

a) A Maria, ela esteve aqui.

(ΠM_1 : [(ΠA_1 : [...] (A₁))_{Orient} > (ΠA_2 : [...] (A₂))_{Nucl}] (M₁))_F

b) Ela esteve aqui, a Maria.

(ΠM_1 : [(ΠA_1 : [...] (A₁))_{Nucl} < (ΠA_2 : [...] (A₂))_{Corr}] (M₁))_F

referenciais (R), aos quais as funções pragmáticas são atribuídas. As últimas duas unidades são operacionais na mesma camada; não há relação hierárquica entre elas.

O *Move* é o veículo utilizado na expressão de intenções comunicativas do falante. Além dos casos de implicaturas (atos de fala indiretos), essas intenções podem ser: convite, informação, questionamento, ameaça, advertência, recomendação etc¹⁸.

Enquanto a *Ilocução* indica o propósito de nossos atos verbais, e os *Participantes* representam o falante e o ouvinte, o *Conteúdo Comunicado* contém a totalidade do que o Falante deseja evocar durante a interação. Com exceção dos *Atos interpelativos*, cada conteúdo comunicado contém um ou mais *Subatos*, que são hierarquicamente subordinados a *Atos*¹⁹, e, além disso, cada Conteúdo Comunicado constitui uma ação comunicativa expressa pelo falante. Assim, o Conteúdo Comunicado é representado como segue:

$$(\Pi C_1: [\dots (\Pi T_n) (\Pi R_n) \dots] (C_1))_F \text{ onde } n = 0, \text{ mas pelo menos 1 Subato é requerido}$$

Para Hengeveld & Mackenzie, o Conteúdo Comunicado será completamente novo ou parcialmente novo para o Ouvinte (combinação de informação nova e dada). Já os *subatos* contidos em um conteúdo comunicado podem ser de dois tipos: *atributivo* e *referencial*. O subato de Atribuição (ΠT_1) representa a tentativa do Falante de evocar uma propriedade. Apesar da palavra ‘atribuição’, não é necessário que o Falante esteja, de fato, atribuindo uma propriedade a um referente: proferindo *Está chovendo*, por exemplo, o Falante está evocando somente uma propriedade meteorológica sem evocar nenhum tipo de referente; *chover* não está sendo ‘atribuído a’, mas simplesmente ‘descrito’. O subato de Referência (ΠR_1), por sua vez, ocorre quando o Falante tenta evocar um referente, proferindo coisas do tipo: *homem, casa, gato, árvore, entre outras*.

¹⁸ Os trabalhos que retratam as questões envolvendo a distribuição de moves e atos discursivos em outras línguas ainda são muitos escassos, até porque a atual versão da GF é pouco conhecida entre os pesquisadores de outros países. É provável que, nos próximos cinco ou seis anos, a GFD passe a contar com um número expressivo de trabalhos discutindo os níveis interpessoal e representacional. Ainda não há dados suficientes (oriundos de trabalhos de aplicação da teoria) para prever a inserção ou alteração de novas categorias semânticas ou pragmáticas para poder se adequar ao caráter tipológico da teoria.

¹⁹ Segundo Hengeveld & Mackenzie (2006), os atos discursivos podem ser *expressivos, interativos* e *ilocutivos* (contentive), sendo, por consequência, representados pelos seguintes esquemas:

$(\Pi A_1: [(\Pi F_1) (P_1)_S] (A_1))$ Expressivos

$(\Pi A_1: [(\Pi F_1) (P_1)_S (P_2)_A] (A_1))$ Interativos

$(\Pi A_1: [(\Pi F_1) (P_1)_S (P_2)_A (C_1)] (A_1))$ Interativos e Ilocuções (contentive acts)

5.2.1.1. Moves, Atos e suas funções no discurso

De acordo com Hengeveld & Mackenzie (2008), o *move* se define pelo fato de “requisitar” uma resposta ou ser ele mesmo uma resposta, ou seja, uma reação ao pedido. Um ato, por exemplo, pode provocar um *backchannel* (como uma resposta que encoraja o falante a continuar), ao passo que um *move* tende a provocar uma reação do interlocutor (uma resposta a uma pergunta, uma objeção a um argumento, etc).

A alternância de *moves* é mais evidente na conversação, pelo fato de contar com a informação prosódica como unidade delimitadora das ações do falante (além dos elementos lingüísticos que demarcam esses moves). Nesse tipo de interação, em geral, um move corresponde ao turno do falante. Há moves de *iniciação* e de *reação*.

- | | |
|---------------------------------|-----------------------|
| (1) A: <i>Onde você mora?</i> | (M1) <i>iniciação</i> |
| B: <i>Eu moro em São Paulo.</i> | (M2) <i>reação</i> |

Um outro aspecto importante salientado pela GDF é a distinção entre diferentes porções textuais. Hengeveld & Mackenzie (2008) mostram, por exemplo, que em (1) a correspondência entre move²⁰ e turno é nítida, no entanto, mostram também que há casos em que essa correspondência não se sustenta, justamente pelo fato de o falante poder executar dois ou mais *moves*²¹ em um único turno, conforme se vê em (2):

- | |
|--|
| (2) A: <i>Qual é a capital do Brasil?</i> (Move A1: Iniciação) |
| B: <i>Brasília.</i> (Move B1: Reação) <i>Por quê?</i> (Move B2: Iniciação) |
| A: <i>Eu estou fazendo a minha lição de casa.</i> (Move A2: Reação) |

Há casos ainda em que um move pode ser composto por vários atos discursivos. Para GDF, quando isso acontece, o que se tem é um *movo complexo*²², muito freqüente na fala. Além das funções retóricas de iniciação e reação, os autores destacam também a função de *Avaliação* “Feedback” (Sinclair & Coulthard, 1975), como vista em (3):

- | | |
|---|-----------------------|
| (3) Professor: <i>Qual é a capital do Brasil?</i> | (M1) <i>Iniciação</i> |
| Aluno: <i>Brasília, senhor.</i> | (M2) <i>Reação</i> |
| Professor: <i>Bom garoto.</i> | (M3) <i>Avaliação</i> |

²⁰ Na escrita, o *Move* geralmente corresponderá à porção textual conhecida como *parágrafo*. O equivalente do *Move* no nível representacional é em tese o *Episódio*.

²¹ A GDF assinala que a completude de um *Move* é tipicamente indicada pela entonação.

²² Sobre moves complexos, conferir “The Interpersonal Level”, de Hengeveld & Mackenzie (2008).

Segundo Hengeveld & Mackenzie (2006), quando um *move* é composto por um ou mais atos discursivos, a relação entre eles pode ser de dois tipos: *equiipolência* e *dependência*. A relação de *equiipolência* é ancorada entre dois atos que possuem um mesmo estatuto comunicativo, conforme se observa em (4):

- (4) A: *O que aconteceu ontem na festa?*
 B: *O João foi embora. E a Maria ficou bêbada.*

Assim, em (4), o *move de iniciação* de A provoca o *move de reação* de B (*O João foi embora. E a Maria ficou bêbada*), que consiste de dois atos, cada qual com seu próprio contorno intonacional, no entanto, com o mesmo estatuto comunicativo. A análise de (4) é a que segue em (5), em que o núcleo da função retórica indica que ambos os atos “*O João foi embora*” e “*E a Maria ficou bêbada*” contêm o conteúdo principal do *move*:

- (5) $(M_1: [(A_1: [\dots] (A_1)) (A_2: [\dots] (A_2))] (M_1))_{\Phi}$

Já a relação de *dependência* é ancorada entre atos discursivos que possuem estatuto comunicativo distinto. Nesses casos, a relação de dependência é mostrada na representação subjacente por meio da presença de uma função retórica do Ato subsidiário, que pode ser de *Motivação*, *Concessão*, *Orientação* e *Correção*, como em:

- (6) *Cuidado, porque haverá pegadinhas no exame.*

Em (6), a estratégia do falante é advertir o ouvinte. Essa estratégia é implementada pela realização de dois atos (intonacionalmente distintos) numa sucessão, em que o primeiro ato apresenta uma *ilocução imperativa* e o outro uma *ilocução declarativa*. A presença da conjunção *porque* indica que o segundo ato discursivo deve ser entendido como subsidiário ao primeiro, especificando a motivação para a ocorrência do enunciado com a *ilocução imperativa*. Um *move* como (6) é analisado como (7), com a função *motivação* indicando a dependência de (A₂):

- (7) $(M_1: [(A_1: [\dots] (A_1)) (A_2: [\dots] (A_2))_{Motiv}] (M_1))_{\Phi}$

Compare (8), em que a dependência se dá numa outra direção:

(8) *Haverá pegadinhas no exame, **portanto** tome cuidado.*

O exemplo (8) contém o marcador *portanto* que indica o estatuto de Núcleo do ato no qual ele ocorre, e, assim, é mais adequadamente analisado como segue em (9):

(9) $(M_1: [(A_1: [\dots] (A_1))_{\text{Motiv}} (A_2: [\dots] (A_2))] (M_1))_{\Phi}$

Observemos que (6) e (8) indicam a ordem na qual os atos discursivos são proferidos dentro do move e que a realização das funções retóricas é dependente do posicionamento relativo do *núcleo* e da *motivação* [proferir uma ilocução imperativa]. Se a *motivação* precede o *núcleo*, a realização com *porque* torna-se impossível; e a marcação do núcleo através do *portanto* só é possível se seguir a motivação.

5.2.2. O Nível Representacional

O nível representacional da GDF lida com os aspectos formais de uma unidade lingüística que reflete seu papel no estabelecimento de uma relação com o mundo real ou imaginário que ela descreve e, por essa razão, refere-se à designação e não à evocação (que ocorre no nível interpessoal). O nível representacional cuida apenas da semântica de uma unidade lingüística. As unidades semânticas mediante as quais o nível representacional opera são hierarquicamente organizadas, como se vê abaixo:

$(\Pi p_1: [$	Conteúdo proposicional
$(\Pi e_1:$	Estado de coisas
$(\Pi f_1: [$	Propriedade
$(\Pi a_1: \blacklozenge (a_1): s (a_1)_F)$	Qualquer categoria semântica
$(\Pi a: \blacklozenge (a): s (a)_F)^n$	Qualquer categoria semântica
$] (f_1): s (f_1)_F)$	Propriedade
$(e_1): s (e_1)_F)$	Estado de coisas
$] (p_1): s (p_1)_F)$	Conteúdo proposicional

Figura 6. O nível representacional

No nível representacional, as unidades lingüísticas são descritas em termos da categoria semântica (tipo de entidade) que elas designam. Essas categorias podem ser diferentes tipos, tais como conteúdo proposicional (p), que podem conter um ou mais (n) estado-de-coisas. Na GDF, os estado-de-coisas são caracterizados por uma ou mais propriedades (f_1), que podem conter descrições de indivíduos (x) e outras propriedades (f_2). Segundo Hengeveld & Mackenzie (2008), além de integrar conteúdos proposicionais (umas das camadas mais altas do nível representacional), os estado-de-coisas podem também aparecer em episódios (ep)²³. Vejamos a figura abaixo:

$$(ep_1/p_1: (e_1: (f_1: [(f_2)^n (x_1)^n] (f_1))^n (e_1))^n (ep_1/p_1))$$

Para a GDF, o que permite distinguir episódios e estado-de-coisas é o fato de episódios admitir, por exemplo, modificadores de tempo absoluto (como *ontem*, *hoje*, *amanhã*, etc), e estado-de-coisas admitir modificadores de tempo relativo (como *depois do almoço*, *em duas horas*, *segunda-feira*, etc), não sendo necessário que a localização no tempo e no espaço ocorra com base em um tempo/lugar absoluto.

Semanticamente, para GDF, as entidades são de diferentes ordens: entidades de terceira ordem (conteúdos proposicionais); entidades de segunda ordem (estados de coisas); entidades de primeira ordem (indivíduos); e entidades de ordem zero (propriedades). Hengeveld & Machenzie assinalam que as entidades de primeira e de zero ordem pertencem à mesma camada; não há relação hierárquica entre elas.

É importante lembrar, assim como fazem os autores da GDF, que a natureza semântica de um tipo de entidade não indica o modo como se usa a unidade lingüística dentro de um ato discursivo. Tipos de entidades são categorias, não funções. A análise funcional é dada no nível pragmático. Assim, a mesma propriedade (f) pode ser atribuída a uma entidade (T) ou pode ser referida a uma entidade (R), como em:

- (10) a. *Maria é alta*. (Atribuição de uma entidade de zero ordem: T/f)
 b. *A altura impressiona João*. (Referência a uma entidade de zero ordem: R/f)

²³ As siglas usadas para indicar as categorias dos níveis de organização da GDF não serão traduzidos.

A representação semântica de (10a,b) é dada em (11a,b) abaixo:

- (11) a $(C_I: [T_I R_I] (C_I))$
 (pi: (ei: (fi : [(fj: alta (fi)) (xi: Maria (xi))_U] (fi)) (ei)) (pi))
- b $(C_I: [T_I R_I R_I] (C_I))$
 (pi: (ei: (fi: [(fj: impressiona (fj)) (fk: altura (fk))_A (xi: João_N (xi))_U] (fi)) (ei)) (pi))

Similarmente, uma entidade de primeira ordem pode ser atribuída ou referida:

- (12) a. *Maria é minha melhor amiga.*
 (Atribuição de uma entidade de primeira ordem: T/x)
- b. *Minha melhor amiga visitou-me ontem à noite.*
 (Referência a uma entidade de primeira ordem: R/x)

Embora, nos exemplos acima, exista uma correspondência entre os níveis interpessoal e representacional, Hengeveld & Mackenzie assinalam que ambos os níveis são independentes um do outro, podendo permitir vários tipos de interação entre eles.

5.2.3. O Nível Morfossintático

De acordo com Hengeveld & Mackenzie, quanto mais se adentrar, em direção *top-down* aos demais níveis do modelo, mais (trans)linguisticamente específicos os níveis se tornam. É nesse nível que as representações interpessoais e representacionais são codificadas morfossintaticamente. No nível morfossintático, por exemplo, sintagmas adposicionais serão relevantes somente para algumas línguas, mas não para outras; algumas línguas são do tipo morfológico isolante, e outras, do tipo aglutinante. A figura 7 mostra o esquema geral de como a morfossintaxe é representada na GDF:

$$(le_1: [(cl_1: [(xp_1: [(xw_1)^n (xp_2)^n] (xp_1)^n] (cl_1))^n] (le_1))$$

Figura 7. O nível morfossintático

No nível morfossintático, a unidade lingüística é analisada em termos de sua composição sintática (ou seja, seus constituintes sintáticos), começando da camada alta

para a mais baixa: expressões lingüísticas (le), orações (cl), sintagmas de vários tipos (xp), e palavras de vários tipos (xw). Ainda, conforme Hengeveld & Mackenzie (2008), é possível distinguir, dentro de cada palavra, morfemas de vários tipos (xm).

Não há uma projeção biunívoca entre unidades semânticas e pragmáticas, por um lado, e unidades morfossintáticas, por outro. Na GDF, os atos discursivos podem ser realizados como sentenças, orações, sintagmas ou palavras. Por exemplo, predicções semânticas consistindo de uma unidade que designa uma relação (zero ordem) e duas unidades que designam indivíduos (primeira ordem) podem ser expressas em uma língua como uma oração com três constituintes e em outras como uma palavra única:

(13) *I made shirts.*

(14) Southern Tiwa (Gerds 1998, p. 88)

Te-shut-pe-ban

1.SG>PL-camisa-fazer-PAST

'Eu fiz camisas'

Em Inglês, o exemplo (13), extraído de Hengeveld & Mackenzie, pode ser subdividido em três constituintes correspondentes às três unidades semânticas mencionadas no esquema anterior: uma unidade designando uma relação (made) e duas unidades designando indivíduos (I, shirts). A mesma configuração semântica é expressa em Southern Tiwa (14) como uma única palavra. O argumento agente (actor) é expresso por meio de um prefixo no verbo e, em geral, ele não pode ser realizado independentemente. O argumento paciente (undergoer) é incorporado ao verbo. O fato de o paciente ser referenciado no verbo mostra que ele é realmente um argumento do verbo. Para Hengeveld & Mackenzie (2008, p.43), “esses exemplos mostram claramente que há muitas projeções possíveis entre os níveis semântico e morfossintático”.

5.2.4. O Nível fonológico

O nível fonológico contém tanto a representação segmental quanto a supra-segmental de um enunciado. Na Figura 8, a seguir, fornece-se um esquema geral de como os padrões prosódicos de uma língua são representados no nível fonológico:

$$(u_1: [(ip_1: [(pp_1: [(pw)^n] (pp1))^n] (ip_1))^n] (u_1))$$

Figura 8. O nível fonológico

Segundo Hengeveld & Mackenzie (2008), no nível fonológico, a expressão lingüística é analisada em termos de suas unidades fonológicas, tais como o enunciado (u), a frase intonacional (ip), a frase fonológica (pp) e a palavra fonológica (pw). Contudo, é importante mencionar aqui que a GDF está mais preocupada com a descrição fonológica das expressões lingüísticas, mais especificamente com a prosódia da língua, que é lugar onde se situa (se visualiza) boa parte dos fenômenos funcionais que são relevantes para o modelo e que, conseqüentemente, são codificados na língua.

Novamente, não há uma projeção biunívoca entre unidades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas por um lado, e unidades fonológicas por outro. Em algumas línguas, as orações subordinadas são separadas da oração principal por meio de uma pausa intonacional, já em outras elas formam uma única unidade intonacional com a oração principal. Um outro exemplo é que nem sempre há uma correspondência entre palavras fonológicas e constituintes sintáticos no nível morfossintático.

6. Considerações finais

Nesse artigo, procuramos tecer algumas considerações teóricas acerca da GDF, definida por Hengeveld & Mackenzie (2006; 2008) como a nova versão da GF padrão de Simon Dik. Em razão da publicação do novo livro da GDF, prevista para agosto de 2008, tais considerações teóricas são relevantes pelo fato esclarecerem muitas das dúvidas que se formaram em torno do atual modelo da GF, em especial sobre a noção de discurso e a conexão entre os componentes gramatical e contextual da GDF. Nesse sentido, tentamos mostrar nesse texto que a noção de discurso empregada na GDF é diferente daquela empregada na Análise do Discurso (que lida com uma noção de discurso mais pautada no aparato ideológico e historicista de língua). A GDF lida com uma noção de discurso que é mais assentada nos componentes gramatical e contextual

da língua. Isso significa dizer que, para a GDF, o discurso só é considerado quando exerce alguma influência nas configurações gramaticais de uma língua.

A presença de marcadores discursivos, cadeias anafóricas, construções do tipo *tail-head*, holófrases, interjeições e vocativos nas línguas é, segundo Hengeveld & Mackenzie (2006; 2008), uma forte evidência que comprova a relevância de uma gramática orientada para o discurso. A partir desse momento, vários foram os autores que tentaram propor uma sistematização de fenômenos lingüísticos a partir de um modelo de gramática apoiado no discurso, entre eles Kroon (1997), Vet (1998), Berg (1998), Hengeveld (1997), incluindo também o próprio Dik (1997).

Vimos que a principal diferença entre os dois modelos funcionalistas de gramática é que a GDF avança em direção a uma unidade maior de análise, o discurso, no qual o ato discursivo passa a ser a unidade central de análise, justamente para abarcar tanto fenômenos que ocorrem aquém quanto fenômenos que ocorrem além da oração. Uma outra diferença visível entre a GF e GDF diz respeito ao modo de organização das unidades lingüísticas. Na GDF, a organização hierárquica é descendente (*top-down*), ao passo que na GF o modo de organização é ascendente (*bottom-up*). O processo de formulação de expressões lingüísticas, na GDF, parte do componente conceitual – das intenções comunicativas – rumo aos níveis mais baixos do modelo de gramática, passando, assim, por operações de codificação morfossintática e fonológica.

Essa mudança, conforme já foi enfatizada, é motivada pela idéia de que a eficiência de um modelo de gramática tende a aumentar quanto mais se aproximar do processamento cognitivo do falante, numa orientação descendente.

Em suma, o que apresentamos aqui foi apenas um percurso teórico das mudanças que ocorreram na GF, com foco na oração, até chegar à GDF.

Referências bibliográficas

- BERG, M. An outline of a pragmatic functional grammar. In: *Functional Grammar and Verbal Interaction*. Hannay, M. & Bolkestein, M. (Eds.), 1998. 77f.
- BOLKESTEIN, A. M. What to do with Topic and Focus? In: Hannay, M., Bolkestein, M. (Eds). *Functional Grammar and verbal interaction*. Amsterdam: Benjamins, 1998, 193-214.
- CAMACHO, R. G. Gramática, formalização e discurso. In: *Estudos Lingüísticos XXXV*, p. 3-26, 2006.
- DIK, S. *The theory of functional grammar*. Dordrecht: Foris, 1989.
- DIK, S. *The theory of functional grammar: Part II: Complex and derived constructions*.

- N.York: Mouton de Gruyter, 1997.
- DIK, S., HENGEVELD, K., VESTER, E. & VET, C. The hierarchical structure of the clause and the typology of adverbial satellites. In: Nuyts, J., Bolkestein, M. & Vet, C. (Eds). *Layers and Levels of Representation in Language Theory*. Amsterdam & Philadelphia PA: Benjamins, 1990, 25–70.
- GASPARINI-BASTOS, S. D. Os constituintes extrafrasais com valor epistêmico: análise de entrevistas jornalísticas no espanhol e no português. 161 f. *Tese Doutorado em Lingüística*. Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2004.
- HATTNER, M. & HENGEVELD, K. (Orgs). *Advances in Functional Discourse Grammar*. In: Alfa – Revista de Lingüística 51.2, 2007.
- HENGEVELD, K. & MACKENZIE, L. Functional Discourse Grammar. In: *Encyclopedia of Language and Linguistics*, Vol. 4. Oxford: Elsevier, 2006, 668-676.
- HENGEVELD, K. & MACKENZIE, L. Interpersonal functions, representational categories, and syntactic templates in Functional Discourse Grammar. In: Gómez-González, M. & Mackenzie, L. (Eds). *Studies in Functional Discourse Grammar* (Linguistic Insights 26). Bern: Peter Lang, 2005, 9–27.
- HENGEVELD, K. Cohesion in Functional Grammar. In: Butler, C., Connolly, J., Gatward, R. and Vismans, R. (Eds). *Discourse and Pragmatics in Functional Grammar* (Functional Grammar Series 18). Berlin: Mouton de Gruyter, 1997, 1–16.
- HENGEVELD, K. Dynamic expression in Functional Discourse Grammar. In: GROOT, C., HENGEVELD, K. (Eds). *Morphosyntactic expression in Functional Grammar* (FGS 27). Berlin: Mouton de Gruyter, 2004a, p.53-86.
- HENGEVELD, K. The architecture of a Functional Discourse Grammar. In: Mackenzie, L. & González, M. A. (Eds). *A New Architecture for Functional Grammar* (Functional Grammar Series 24). Berlin: Mouton de Gruyter, 2004b, 1–21.
- HENGEVELD, K. The hierarchical structure of utterances. In: Nuyts, J., Bolkestein, M. & Vet, C. (Eds). *Layers and levels of representation in language theory: a functional view*. Amsterdam: Benjamins, 1990, 1-24.
- HENGEVELD, K; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar*. Oxford University Press, 2008.
- KROON, C. Discourse markers, discourse structure and Functional Grammar. In: CONNOLLY, J. et al. (eds.) *Discourse and pragmatics in Functional Grammar*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1997, p.17-32.
- MACKENZIE, L. The basis of syntax in the holophrase. In: Hannay, M. & Bolkestein, M. (Eds). *Functional Grammar and Verbal Interaction*. Amsterdam and Philadelphia PA: Benjamins, 1998, 267–295.
- PENHAVE, E. *Multifuncionalidade e níveis de análise: o papel do conectivo e na organização do discurso*. São José do Rio Preto, 132p. Dissertação de Mestrado em Análise Lingüística. Universidade Estadual Paulista, 2005.
- RIJKHOFF, J. Bystanders and social deixis: some programmatic remarks on the grammar/pragmatics interface. *Working Papers in Functional Grammar*, 58, 1995.
- SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- SOUZA, E. R. F. *Multifuncionalidade e níveis de análise: o papel dos advérbios de tempo, lugar e modo na organização do discurso*. In: Relatório Científico. São Paulo: Fapesp, 2007.
- TRAUGOTT, E. & KÖNIG. The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited.
- TRAUGOTT, E., HEINE, B. (Ed.) *Approaches to grammaticalization*. Benjamins, 1991.
- TRAUGOTT, E. On the rise of epistemic meanings in English. *Language*, 65, 1, 1989.

- VELASCO, D. & RIJKHOFF, J. (Orgs). *The Noun Phrase in Functional Discourse Grammar*. In: Trends in Linguistics. Berlin: Mouton De Gruyter, 2008.
- VET, C. The multilayered structure of the utterance: about illocution, modality and discourse moves. In: *Functional Grammar and Verbal Interaction*. Hannay, M. & Bolkestein, M. (Eds.), 1998.

Domínios de Lingu@gem